um caso de histeria masculina: parecer ser homem ou mulher?[1]

Elisabeth da Rocha Miranda

O caso clínico que apresento suscitou-me várias questões que pretendo levantar no decorrer do texto. Inicialmente, fez-me pensar na questão do diagnóstico, pois se, por um lado, a estrutura histérica é claramente observada no discurso do paciente, por outro este se apresenta muito fragilizado pela falta de uma resposta ao apelo incessante que faz ao pai. O sintoma que o leva a procurar um analista é a inibição sexual, acrescida a uma dúvida em relação à sua posição na partilha dos sexos.

Estudaremos esse caso à luz das definições que Lacan desenvolveu ao longo de seu ensino a respeito do falo. Os ditos do paciente remeteram-me ao texto de Lacan em que desenvolve a significação do falo como sendo aquela própria da comédia. Comédia encenada no esforço do ser falante em situar-se em relação à possibilidade de construir um ser homem e um ser mulher, para então dirigir-se ao Outro sexo, tragédia para o sujeito dividido que vacila um pouco mais em sua escolha na partilha dos sexos.

Sabemos, com a descoberta do inconsciente, que o homem é um ser de linguagem, e que a ele está vetada qualquer possibilidade de acesso a uma naturalidade, a uma norma instintiva de uma realidade fixa, preestabelecida. O ser falante se posiciona como homem ou mulher, situando-se na partilha dos sexos em função da posição que assume em relação ao significante falo. O falo é um significante que não tem significado, e marca uma falta ao mesmo tempo em que orienta o sujeito quanto à sua posição sexuada: ou ele entra na lógica de ter o falo, lógica masculina, ou na lógica de ser o falo, lógica feminina. Na partilha dos sexos, ou o sujeito se posiciona como todo na norma fálica, posição masculina, ou como não-todo, posição feminina. Essas duas posições são descritas por Lacan em *O seminário – livro 20*, quando conceitualiza as fórmulas da sexuação.

Ainda em 1958, Lacan adverte que ninguém tem o falo e ninguém é o falo, logo o ser falante, por seu assujeitamento às leis da linguagem, é condenado a um "parecer que substitui o ter para de um lado protegê-lo [o falo], e de outro mascarar sua falta no outro"[2].

[1] Escolhi chamar o sujeito do caso em questão de Darcy por tratar-se de um nome utilizado tanto no masculino quanto no feminino, assim como o próprio nome do paciente. Para tal, consultei o dicionário de nomes, além de utilizar do nome de um homem que é figura pública em nossa sociedade.

[2] Lacan. A significação do falo (1958/1998, p.701).

Parecer, que por ser de nenhum ser, introduz a dimensão da máscara. Máscara (do latim *persona*) que visa a um ideal no qual se faria existir de maneira plena o homem ou a mulher. Qualquer que seja o sexo biológico, quanto mais enfatuada é a máscara, maior é o efeito de ridículo provocado pela dança sexual nos humanos. Tudo o que se diz da natureza é sempre interpretação, logo a diferença sexual só é pensável em função do significante.

Isso porque "a identificação do sujeito a um dos sexos é algo que não ocorre senão secundariamente e por casualidade. É que resulta de algo mais radical que poderia ser exatamente correlativo do fato de que esse ser, entre todos os seres, é falante"[3].

[3] Lacan. *Respuesta a una pregunta de Marcel Ritter* (1975).

Essas questões se impuseram pela demanda desse sujeito que, inicialmente, a formaliza com o dito: "Preciso saber de que lado estou, eu não sou mulher. O que é ser um homem? Eu sou *gay*? Se sou *gay*, não sou mulher".

No decorrer das entrevistas, período em que as crises de angústia se acentuam "porque finalmente resolveu mexer na ferida", esse jovem diz precisar decidir, pois sua situação é insustentável: "Enquanto não me decidir não posso viver a vida".

Após detalhadas descrições de situações em que tenta "vestir-se de homem", conclui que "como mulher se porta como homem, e como homem é uma mulherzinha". Os sujeitos histéricos tentam evitar o confronto edípico para escapar da castração, utilizando diversos recursos, que vão da constituição de uma fobia até as mais sutis maneiras de abolir a diferença sexual, como bem demonstra esse analisando. A necessidade premente de reconhecimento por parte do Outro faz com que, pela via da identificação histérica, isto é, identificação ao desejo do Outro, esse sujeito desenvolva um mimetismo que se apresenta pelo avesso, assim descrito por ele: quando se depara com um homem, identificado ao desejo do homem, desejo de mulher, porta-se como uma mulherzinha, mas quando está entre amigos, ou seja, quando não é alvo de certo olhar, comporta-se dentro das normas preestabelecidas para que possa pertencer ao grupo. No caso desse sujeito, observo eqüivalência entre o d (A) e o d (a).Conclui dizendo: "O fato é que sou sempre uma construção, uma farsa, não sei o que é ser o que se é, porque não sei o que sou".

Observo que esse mal-estar, maneira como se refere ao sintoma, surge quando Darcy se encontra em posição de destaque, que para ele eqüivale a se apresentar em público, ser alvo do olhar do Outro.

O sofrimento se exacerba porque essas situações são cada vez mais freqüentes, devido ao trabalho, e quanto mais se esforça para "parecer homem", mais se atrapalha. São momentos de

muita angústia, nos quais não sabe onde "colocar as mãos, como sentar, ou como cruzar as pernas". Atormentado, sente-se "obcecado pela idéia de como um homem faria isso ou aquilo". Prefere as roupas largas, como um camisão, "é chique, faz estilo, e é unissex." Pontuo o significante *unissex*, e Darcy acrescenta: "Se é unissex não paga mico, não tem erro nem de um lado nem de outro, está sempre bem". Como neurótico, ele nega a castração, nega a aceitação do que é, especialmente do que não é, isto é, ele nega o Outro sexo como o que faz enigma para todo ser falante. É a esse enigma que Darcy tenta responder pelo viés do imaginário do corpo. "O caráter problemático de sua identificação simbólica [...] só ganha seu sentido em função da resposta a ser formulada sobre essa relação fundamental simbólica. Sou eu um homem ou sou uma mulher?"[4]. Darcy não consegue responder a essa pergunta, pois a identificação simbólica claudica, e ele se mantém na dúvida, que se impõe, nesse caso, por meio do imaginário de um corpo sempre desamparado, não situado. Na lógica de ter o falo, ele o é; na lógica de ser o falo, ele o tem.

[4] Lacan. *O seminário, livro 3 – As psicoses (1955-1956)* (1985,p.197).

Ser portador de um pênis não torna ninguém viril. É preciso tornar-se homem, e para tanto se faz necessário o reconhecimento simbólico do qual depende a integração à sexualidade. "O sujeito se reconhece e se faz reconhecer no Outro da fala"[5]. Esse reconhecimento é justo o que falhou de maneira desastrosa para Darcy, a começar pela eterna ausência do pai, mesmo quando está presente. Eis a questão: esse pai não morreu, não sumiu no mundo, não pode ser imaginarizado como pai que o reconheceria, caso pudesse. Ele está sempre por perto, mas não reconhece Darcy em sua condição de filho. Em suas palavras: "Não me olha como um pai deve olhar um filho".

[5] *Ibid.*, p. 193.

Caçula de uma prole de nove irmãos, nascido no nordeste, de família pobre, se diz filho de sua mãe e de uma irmã mais velha, que segundo ele teria sido seu pai. Essa irmã sustentava a casa e dava ordens, às quais todos deviam obedecer, inclusive sua mãe. O pai abandonara a família para tentar a vida no Rio de Janeiro e, sem que soubesse, deixou a mulher grávida desse filho caçula. Volta quando ele tem cinco anos e, após um breve período, abandona novamente mulher e filhos, dessa vez "sem se despedir dele". "Na estação do trem nem um olhar me é dirigido, parecia que eu não era filho". O menino, único a quem o pai não se dirige, adoece: "Fui internado, precisei viajar até à cidade, minha mãe diz que fiquei doente de tristeza pela falta do pai". Ele fica doente de viajar como o pai viajou, sua doença é endereçada ao pai.

Seus cabelos encaracolados e louros, objeto de encantamento da mãe, são responsáveis pelo apelido do qual tem horror, "Cachinho de ouro". Tratado como menina, era obrigado a fazer os trabalhos domésticos. Cresce humilhado pelos irmãos, era a "mulherzinha" que observava com inveja as brincadeiras dos meninos, enquanto ajudava a mãe a esfregar a roupa na beira do rio.

Do pai só tem as cartas que chegavam esporadicamente com a remessa de parcos vinténs, e a promessa de que quando ganhasse dinheiro mandaria buscar a família. A mãe nunca se queixou, mesmo sabendo que ele tinha outras mulheres e outros filhos no Rio de janeiro. "Hoje não sei quantos filhos o pai fez, talvez dê para lotar o Maracanã".

A vida sexual desse sujeito se caracteriza pela total inibição. Aos 25 anos, nunca teve um relacionamento sexual por amor. Sonha com mulheres, mas seus "namoros são platônicos". Uma dessas namoradas, muito idealizada e nunca esquecida, é até hoje a musa de suas poesias. Quando o namoro se aproxima de algo além de um beijo, ele some por "não saber o que fazer com as mulheres". Por "três ou quatro vezes" foi a uma "casa de mulher dama", "mas quando tudo acaba sinto um nojo".

A inibição sexual desse sujeito não traduz uma indiferença perante a sexualidade, mas uma aversão, um nojo de qualquer contato com o corpo do outro, como parceiro sexual. É uma inibição que revela o movimento de recusa, como ensina Freud em *Fragmento da análise de um caso de histeria.* Para Freud, qualquer pessoa a quem a excitação sexual provoque nojo é histérica, e uma das características da histeria é justamente a contradição entre uma necessidade sexual exagerada e uma rejeição exacerbada da sexualidade. A inibição apresentada na vida sexual desse sujeito exprime a angústia inconsciente de penetrar o corpo de uma mulher, em suma, ter de passar pela experiência do encontro com o sexo oposto.

Um homem, para ser viril, precisa fazer a passagem de ser o falo da mãe para entrar na lógica de ter o falo. Se "não há virilidade que a castração não consagre"[6], é porque a virilidade só é possível sustentada pela castração. A aceitação da castração simbólica permite ao sujeito abandonar a posição infantil de satisfazer a exigência fálica da mãe, abrindo a via para o desejo. A função paterna operou para Darcy, estamos no campo de neurose, mas tratando-se de um sujeito histérico masculino, a falta simbólica efeito da operação de castração não se apoia na *Penisneid.* Para esses sujeitos, o suporte imaginário do órgão viril vacila em sua função identificatória, e é aí, na identificação

[6] Lacan. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1958/1955, p. 742).

simbólica, que algo não é suficientemente consistente para que a passagem de ser o falo para ter o falo se faça sem vacilações.

Se para a histeria feminina a falta-a-ser se apóia no imaginário do corpo, *Penisneid*, para a histeria masculina a falta "não precisa de modo algum apoiar-se num vazio real, ou num oco real no corpo"[7]. Devemos situar a questão no campo do significante, da representação de uma ausência simbólica, em que também para o homem histérico se presentifica a "sensibilidade particular a uma falta"[8].

[7] Winter. *Os errantes da Carne. Estudos sobre a histeria masculina* (2001, p.13-14).

[8] *Ibid.*, p.14.

Nos dois primeiros anos de análise, Darcy faz uma mudança radical em sua vida profissional. Torna-se o dono de uma pequena confecção de roupas femininas da qual era sócio, pois segundo ele já consegue se impor com as mulheres, suas colegas de trabalho, diante das quais sentia-se amedrontado.

No entanto ainda permanece assujeitado ao falo materno, seu sintoma é a inibição, e a pulsão é marcada pela passividade que se revela como impotência. Ele se furta ao encontro sexual com o outro e se mantém na via do fazer-se desejar. Para esse sujeito, o objeto olhar é prevalente, e seu gozo se mantém no curto-circuito pulsional olhar e ser olhado, por homens e mulheres.

Com grande constrangimento e angústia, revela sua atração pelo "olhar dos homens". Olhar que disputa com as mulheres, nos bares, restaurantes e festas. É um "jogo" que "o faz passar mal", sua frio, mas não consegue se livrar. Essa questão é trazida à análise depois do episódio em que efetivamente um homem se aproxima e lhe faz uma "proposta sexual". Aterrorizado, foge, e só recupera depois de estar em casa. Não sabe se disse algo, nem bem como tudo se passou: ele apaga.

O significante apaga é repetido várias vezes nesse relato, e sua pontuação traz uma recordação de infância. Aos 12 anos, quando atravessava o rio para postar uma carta da mãe para o pai, sente o olhar de um homem que se aproxima e ele apaga. Mais uma vez não sabe o que aconteceu, mas sabe que houve uma aproximação sexual. Quando voltou a si estava sozinho, de joelhos, e suava frio. Intervenho: "Olhar que vem do rio?". Após longo silêncio, diz que procurou abrigo na Congregação Testemunhas de Jeová, e que lá conseguiu se sentir seguro, protegido do olhar dos homens. Se era *gay*, ali teria a certeza de não cair no vazio, maneira como descreve o que sentiu no rio. Em associação à essa recordação, diz que "era o mesmo rio em que eu ainda pequeno, lavava roupa com a mãe, invejando os meninos que jogavam bola".

No resumo de seu seminário sobre o objeto da psicanálise, Lacan diz que o "sujeito causa o desejo do Outro ao preço

de se apagar diante do objeto"[9]. Quinet, comentando essa citação, observa que o olhar como objeto *a* é um modo de apagamento do sujeito – "é um modo de o sujeito se colocar em relação ao gozo, e também uma modalidade de apagamento diante do objeto causa de desejo"[10].

[9] Lacan. Comptes rendus d'enseignement l'objet de la psychanalyse (1984, p.12).

[10] Quinet. *Um olhar a mais, ver e ser visto em psicanálise* (2002 p.66).

O objeto desse sujeito histérico é o olhar, objeto de gozo diante do qual ele apaga. Olhar que, negado na cena infantil da estação, que descreve como sendo o único filho para quem o pai não olha, fixa o gozo da exclusão neurótica, olhar que o faz cair no vazio de ser, quando indica o objeto de desejo, ressignificando o olhar de admiração e encantamento que dirigia aos meninos jogando bola enquanto permanecia no rio lavando roupa com a mãe.

"Não é apenas por virar mais para a direita do que à esquerda que o desejo, no ser humano, cria dificuldades"[11], e as dificuldades desse sujeito em relação ao desejo estão calcadas na falha da identificação simbólica ao pai. Darcy vai buscar em Jeová um traço identificatório. Na Congregação ele é filho, filho de Jeová. Ele faz, dessa maneira, apelo a um significante que o impeça de cair no vazio de seu ser-sujeito-em-falta, significante que o permita ultrapassar a impossibilidade de olhar sem apagar diante do objeto de desejo, significante que o liberte da posição de estar assujeitado a um desejo do Outro, que ele não consegue situar na norma fálica. Darcy tem dificuldades com a implicação subjetiva de seu sexo, ou, como diz Lacan, com assunção ao sexo. Como dissemos, a condição da sexuação é inscrever-se na significação fálica, ou como homem, ou como mulher. Esta se dá para cada um em função do encontro de um corpo que não é apenas imaginário, mas também, como diz Freud, erógeno, com o significante fálico. Encontro que define as posições subjetivas como feminino ou masculino, como modo de gozo.

[11] Lacan. A juventude de Gide ou a letra e o desejo (1958/1966, p. 767).

Passa a se queixar do pai: "Fui um idiota esperando que o pai mandasse me buscar". A cada irmão que vinha para o Rio de Janeiro, suas esperanças se acentuavam, mas o pai nunca mandou buscá-lo e nem perguntava por ele. O olhar do pai não vinha do Rio.

Identificado com Jeová, tornou-se um menino respeitado na escola, mas não em casa. Diante do desconforto que sentia no convívio com sua família e para fugir dos "chamegos da mãe", vai constantemente para a casa de um casal vizinho. Era uma "família normal, um homem e uma mulher". A mulher costureira e o marido pedreiro. Com eles aprendeu os dois ofícios.

Aos 16 anos, apaixona-se por uma colega de colégio, para quem escreve versos que mantém escondidos. Seus irmãos descobrem e o "avexam" no pátio da escola. "O mariquinhas da mamãe quer ser homem, quer namorar! Ele faz versinho!". Em um grande esforço, diz ter conseguido reagir: "Hoje vocês me humilham, mas amanhã eu vou envergonhar a todos", e então "fiz o que eles mais temiam, resolvi me empregar como costureiro". Temos aqui o desafio histérico, desafio ao pai, presentificado pelos irmãos machos. É um desafio tal qual vemos no caso de Freud sobre a jovem homossexual, paciente que, em desafio ao pai, passeia sob seus olhos acompanhada da dama, protagonizando uma cena de mostração pública de seu objeto de amor. Aqui também esse sujeito faz a mostração do que o pai não olha, mostração de seu desejo por ele, e conclui: se não me olha com orgulho, olha com vergonha.

Aos 18 anos, vem para o Rio de Janeiro, em busca do pai. Encontra-o casado com outra mulher. Emprega-se como pedreiro e vive com o pai por um ano, até que este o expulsa de casa, pois tem uma mulher muito jovem e não quer machos por perto. Darcy não encontra seu lugar como filho, tanto na posição de "macho pedreiro" quanto na posição de "mariquinhas costureiro". Sua questão se acirra. Para além do embaraço com o falo, próprio da histeria masculina, esse sujeito mantém viva a pergunta sobre quem é o pai. Ressalto que, para Darcy, existe uma pluralidade em relação àqueles que exerceram a função paterna: irmã, irmãos, Jeová, o vizinho pedreiro. Em busca do pai, ele constrói uma série de figuras às quais faz um apelo de reconhecimento simbólico de sua posição de filho. Darcy busca um olhar que lhe foi negado, e que poderia incluí-lo na série dos filhos do pai.

Por que "o pai não pode ter mulher e filho?". Mais uma vez, o discurso de Darcy revela sua dificuldade de situar-se diante do pai: é filho ou mulher? Ele e a mulher do pai, segundo sua expressão, davam-se muito bem, freqüentavam a cartomante, o centro espírita e, nas horas vagas, ele até a ajudava na confecção de suas vestes de mãe-de-santo. É em função da falta de um significante que diga o sexo feminino que o sujeito se questiona na partilha dos sexos. Podemos pensar que Darcy, por meio da mulher do pai, mãe de santo, essa que tem o pai, tal qual Dora em relação a Sra. K., tenta desvendar o mistério sobre o que é uma mulher.

O sujeito histérico masculino tem em sua especificidade um impasse. Para fugir à castração advinda da rivalidade com o pai, toma-o como objeto de amor, não escapando, contudo,

à castração. A escolha do pai como objeto de amor, por um lado, livra o sujeito da ameaça de castração, evitando o enfrentamento com o pai, mas, por outro, evoca a angústia de se colocar na posição feminina. Em 1928, a respeito de Dostoiévski, Freud adverte que o histérico, ainda assim, não evita a castração, pois esta surge sob a forma de angústia provocada pela feminização. A castração é tão assustadora como punição por desejar a mãe quanto pelo preço a pagar pelo amor do pai e pelo pai. No sujeito histérico a identificação se faz sobre o desejo, ou seja, sobre a falta tomada como objeto. No complexo de castração, o menino, devido à prevalência da *gestalt* fálica, identifica-se diretamente com o pai, e a menina precisa fazer um desvio em direção ao pai, mas para ambos o pivô é o pai.

Assim como o ministro de *A carta roubada*, de Poe, que, em um mesmo movimento, enfrenta a ira feminina e cinge "seu personagem marcado por todos os seus ditos com os traços da virilidade exala, ao aparecer, o mais singular *odor di femina*"[12], esse sujeito, disputando com as mulheres, rouba o olhar dos homens, cingindo-se também com o mais singular *odor di femina.*

[12] Lacan. O seminário sobre "A carta roubada" (1956;1966, p.39).

No momento em que Darcy sofre o efeito desse olhar, surgem a angústia e o apagamento. O jogo da disputa pelo olhar dos homens (olhar do pai), que se repetia veladamente, cai no momento em que um homem efetivamente se aproxima com uma paquera, e a cena infantil do rio é resignificada.

Aprisionado ao gozo materno, na posição de falo imaginário da mãe, Darcy indica uma relação que apresenta falhas com a identificação simbólica, o que é próprio da histeria.

Não consegue aceder ao pai morto pois o mantém imaginarizado – pai sedutor, o homem das mil mulheres, que enche o Maracanã de filhos –, em uma tentativa de que, assim, esse pai possa dar conta da mulher, livrando-o do gozo mortífero, sem mediação, que a mulher revestida do significante mãe encarna para ele. Darcy se queixa do pai, indicando sua impotência para sustentar os filhos, mas quando este lhe diz que não quer machos em casa, justifica sua atitude dizendo: "Tudo bem, é coisa dele com as mulheres, ele é quem sabe".

Até aqui podemos dizer que Darcy está menos embaraçado com o falo, já não precisa "bancar o homem", posto que o é, e pode, de maneira um pouco menos inibida, pensar em exercer suas escolhas em relação ao objeto sexual, reconhecendo seu desejo. Em *O seminário 0 livro 17*, Lacan indica que, "como ser falante, o sujeito macho é intimado a justificar sua essência. É muito precisamente – e exclusivamente – pelo afeto que ele experimenta por esse efeito de discurso – ou seja, na

[13] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1991, p.152).

[14] Lacan, Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (*op. cit.*, p.742).

medida em que recebe esse efeito feminizante que é o *a* – que ele reconhece o que o constitui, ou seja, a causa de seu desejo"[13].

Perde-se em sonhos eróticos ainda não realizados, com as mulheres sempre louras e maravilhosas. "O que ressurge no inconsciente do sujeito é o desejo do Outro, ou seja, o falo desejado pela Mãe"[14]. Tal qual Hans, que responde aos emblemas do masculino no plano imaginário mas possui posição sexuada feminina, produto de sua identificação ao desejo da mãe, Darcy sonha com mulheres louras, identificado também ao desejo da mãe, que se encantava com os "cachinhos de ouro". O olhar dos homens a quem seduz é atualmente traduzido como desejo de reconhecimento por esses homens, que hoje o admiram, e que ele mantém na mira. A relação desse sujeito com seu próprio gozo muda: o gozo pulsional de olhar e ser olhado já não o faz apagar, não remete ao olhar em falta do pai.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. O *seminário – livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1956) O seminário sobre "A carta roubada". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

LACAN, Jacques. *Respuesta a una pregunta de Marcel Ritter*. Congresso de Strasbourg; 1975, janeiro; Strasbourg, França.

LACAN, Jacques. Comptes rendus d'enseignement L'objet de la psychanalyse. *Ornicar?* Paris, n.29, 1984.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais, ver e ser visto em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

WINTER, Jean-Pierre. *Os errantes da carne. Estudos sobre a histeria masculina*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

resumo

Este trabalho aborda a questão da inibição sexual em um sujeito histérico masculino, para verificar sua posição sexuada.

abstract

This work addresses the question of the sexual inhibition in a histerical masculine subject, to verify the subjects sexual position.

palavras-chave

histeria masculina, inibição sexual, posição sexuada

keywords

histeric masculine, sexual inhibition, sexual position